



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

GABRIELA CAVALCANTE FIGUEIREDO

**A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA**

**GUARABIRA
2021**

GABRIELA CAVALCANTE FIGUEIREDO

**A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Prof. Ma. Elizangela Dias Santiago

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F475r Figueiredo, Gabriela Cavalcante.
A relação família-escola [manuscrito] : implicações para o desenvolvimento das crianças com deficiência / Gabriela Cavalcante Figueiredo. - 2021.
19 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Profa. Ma. Elizangela Dias Santiago, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Educação especial. 2. Família. 3. Escola. I. Título
21. ed. CDD 371.9

GABRIELA CAVALCANTE FIGUEIREDO

A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: IMPLICAÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a/ao
Coordenação /Departamento do
Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
graduada em Educação.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 07 / 10 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Elizangela Dias Santiago

Profa. Ma. Elizangela Dias Santiago (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Josilene Rodrigues da Silva

Profa. Ma. Josilene Rodrigues da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thiago Rodrigo Fernandes

Prof. Me. Thiago Rodrigo Fernandes da Silva Santos
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

A minha mãe, pela dedicação,
companheirismo e amor, DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	8
3	A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL.....	10
4	A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA.....	11
5	METODOLOGIA.....	12
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
	REFERÊNCIAS	15

A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Gabriela Cavalcante Figueiredo¹
Elizangela Dias Santiago²

RESUMO

O presente artigo trata das implicações da relação família e escola. Sabendo que a educação é direito de todos, podemos salientar a importância de incluir as crianças com deficiência no ambiente escolar regular. Ao longo do texto, trazemos autores que tratam desta relação, a saber: Stainback e Stainback (1999), Souza (2001), Ribeiro (2003), Mazzota (2005), Januzzi (2006), Rodrigues (2006), entre outros. A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico. Para tanto, analisamos artigos da Revista Educação Especial ao longo do período de 2015-2021. Os resultados apontam a existência de lacunas para a efetivação de trabalhos que abordam a temática em questão. Além de evidenciar, a importância de solidificação na relação família e escola, para o melhor desenvolvimento das crianças com deficiência.

Palavras-chave: Educação Especial, Família, Escola, Criança com deficiência.

ABSTRACT

This article deals with the implications of the relationship between family and school. Knowing that education is everyone's right, we can emphasize the importance of including children with disabilities in the school environment. Throughout the text, we bring authors who deal with this relationship, namely: Stainback & Stainback (1999), Souza (2001), Ribeiro (2003), Mazzota (2005), Januzzi (2006), Rodrigues (2006), among others. The research is characterized as a qualitative and bibliographic research. Therefore, we analyzed articles from the Revista Educação Especial throughout the period 2015-2021. The results point to the existence of gaps for carrying out works that address the issue in question. In addition to highlighting the importance of solidifying the relationship between family and school, for the better development of children with disabilities.

Keywords: Special Education, Family, School, Child with a disability.

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba.
gabifigueiredo24@gmail.com

² Professora Substituta do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). dias.liz@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A educação é essencial em todos os âmbitos sociais e para crianças com deficiência não é diferente. A educação inclusiva traz em seus aspectos como introduzir a criança na escola, formas e estratégias eficazes para que elas possam se sentir incluídas no ambiente escolar. “A educação é uma questão de direitos humanos, e os indivíduos com deficiências devem fazer parte das escolas, as quais devem modificar seu funcionamento para incluir todos os alunos” (STAINBACK; SNTAINBACK, 1999, p.21). Como os pais e a escola podem trabalhar em comunhão para que a criança com deficiência sintam-se bem amparada, integrada na sala de aula e com toda comunidade escolar.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Base (LDB) 9.394/96, no Art. 58, a educação especial é entendida como “[...] a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, 1996). Assim, essa modalidade se “[...] insere nos diferentes níveis da educação escolar, (desde a Educação Básica até a Educação Superior), bem como na interação com as demais modalidades da educação escolar, como a educação de jovens e adultos, a educação profissional e a educação indígena” (BRASIL, 2001, p. 28).

A educação inclusiva traz consigo, em sua política de inclusão, que incluir os alunos com deficiência não consiste apenas em zelar pela sua permanência física, mas “[...] representa a ousadia de rever concepções e paradigmas, bem como desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades” (BRASIL, 2001, p. 28). Logo, respeitar e valorizar a diversidade dos alunos exige que a escola tenha uma reponsabilidade para que as relações dentro deste espaço, possibilite a criação de espaços inclusivos, bem como procure superar a produção pela própria escola, de necessidades especiais.

A inclusão objetiva criar uma comunidade onde todas as crianças, sejam elas, típicas ou atípicas possam aprender e trabalhar juntas para poderem desenvolver melhor suas habilidades e a ajuda mútua entre ambas. Na escola não é diferente, é necessário que haja um universo onde todos se apoiem para se ter um local onde realmente tenha a inclusão. Mas a escola não pode esquecer das diversas diferenças individuais, ela precisa encontrar maneiras e atividades, na qual insiram todos para que o aprendizado seja contínuo. Nesse processo, “a interação e a comunicação facilitadas ajudam o desenvolvimento de amizades e o trabalho com os colegas. Os alunos aprendem a ser sensíveis, a compreender, a respeitar e a crescer confortavelmente com as diferenças e semelhanças individuais entre seus pares” (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 23).

Os pais, de um modo geral, têm um papel fundamental na escola, pois não devem ir na escola apenas para matricular seus filhos, mas devem também ter um acompanhamento contínuo do seu desenvolvimento escolar. Já para os pais com filhos com deficiência este acompanhamento deve ser mais eficaz, porque eles precisam mostrar quais as habilidades e os sucessos de seus filhos para que terceiros não venham a ter pena deles. Muitas pessoas próximas as famílias das crianças deficientes (parentes próximos, vizinhos, amigos), tendem na maioria das vezes, a sentir pena dos pais por terem uma criança atípica, quando na verdade deveriam ajudar estas famílias encontrando meios de como respeitar e dar suporte a estas pessoas que muitas das vezes se senti sozinho e perdido sem saber o que fazer.

Sabe-se que para os professores e a escola a participação dos pais é essencial para que se tenha êxito nas intervenções educacionais com os alunos com deficiência. Eles são os principais agentes para se ter um bom desempenho e uma

socialização com todos na escola. Dessa forma, é necessário elencar qual a importância da relação família e escola para o desenvolvimento das crianças com deficiência?

Vê-se que esta relação família e escola está muito fragilizada. Os pais não acompanham seus filhos em seu desempenho escolar, ou então, a escola impõe algo e os pais terminam aceitando, mesmo sabendo o melhor para o seu filho. Nesse movimento, a escola vai afastando os pais e a interação entre ambos vai se tornando cada vez mais difícil. Dessa maneira torna-se necessário que sejam encontradas formas, técnicas e habilidades para se ter uma interação entre a escola e os pais dos alunos, a fim de trazer benefícios para as crianças. Logo, desenvolvemos como pergunta de pesquisa, a seguinte questão: o que a Revista Educação Especial aborda a respeito da relação família e escola e quais as implicações para pensarmos o atendimento em sala de aula regular de ensino para os sujeitos com deficiência?

O objetivo geral deste trabalho é compreender como as pesquisas dispostas na Revista Educação Especial abordam sobre a temática da relação família-escola e quais as implicações para os sujeitos com deficiência na sala de aula regular de ensino. E, adotamos como objetivos específicos: a) identificar as pesquisas que tratam da relação família e escola dentro do contexto da Educação Especial; b) descrever como é abordado nas pesquisas a relação família-escola para os sujeitos com deficiência; e, c) analisar as implicações da relação família-escola para os sujeitos com deficiência.

Para fundamentação teórica trabalharemos como autores tais como: Stainback & Stainback (1999), Souza (2001), Ribeiro (2003), Mazzota (2005), Januzzi (2006), Rodrigues (2006), Gonzáles (2007), entre outros.

Quanto à metodologia, realizaremos uma pesquisa de natureza qualitativa. Para tanto faremos uma pesquisa bibliográfica envolvendo os estudos dispostos na Revista Educação Especial, vez que, esse *corpus* é relevante para sabermos quais as implicações e visibilidade se tem sobre família e escola e como as crianças com deficiência estão sendo vista no ambiente escolar.

Este trabalho está subdividido da seguinte forma: na primeira seção apresentamos um breve histórico da educação especial e na segunda seção descrevemos a educação especial no contexto brasileiro. Em seguida, na terceira sessão, registramos e comentamos acerca da relação da família e instituição educativa. Na sequência (quarta sessão), apresentamos os resultados e as discussões dos dados da pesquisa bibliográfica; e, por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho.

2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Desde o início dos tempos as pessoas com deficiência viviam segregadas e isoladas da sociedade. Percebe-se que em todo processo histórico houve diversas maneiras de esconder essas pessoas do mundo, fazendo com que elas não interagissem com a sociedade.

Na Antiguidade Clássica as pessoas com deficiência eram abandonadas para morrer ao relento. Segundo Ribeiro (2003, p. 42), “sabe-se que era predominante a filosofia da eugenia, e as pessoas excepcionais, consideradas degeneração da raça humana, deveriam ser ‘expostas’ ou eliminadas pelo grande transtorno que representavam para a sociedade”. Vê-se dessa forma, que não existia nenhum tipo de auxílio ou caridade para com estas pessoas.

Na Idade Média, por causa da forte influência do cristianismo, as pessoas com deficiência passaram a viver em abrigos, conventos ou lugares que a igreja direcionava para serem cuidadas, recebendo apenas uma moradia e alimentação, mas viviam isoladas. “Com influência da doutrina cristã, passou a haver uma tolerância e uma aceitação caritativa: por serem merecedoras de caridade, deveriam ficar segregadas, recebendo moradia e alimentação” (RIBEIRO, 2003, p. 42). Assim, as pessoas deficientes daquela época poderiam viver apenas por caridade dos que viviam próximos a elas.

Já na Idade Moderna existiu uma grande valorização do ser humano através da filosofia humanista, ou seja, essa filosofia traz consigo a valorização do ser humano, como uma suprema criação do mundo, onde atribui aspirações e capacidades humanas como um ser racional, sobre a qual Ribeiro (2003, p. 42) tece considerações:

Com o advento da idade moderna, houve maior valorização do ser humano pelo predomínio de filosofias humanistas. Iniciaram-se investigações sobre a pessoa excepcional do ponto de vista da Medicina. Cresceram os estudos e experiências sobre a problemática das deficiências atreladas à hereditariedade, aspectos orgânicos, biotipologia, etiologia, caracterização de quadros típicos, distorções anatômicas etc (RIBEIRO, 2003, p.42).

Só então, no século XX, se ampliou os estudos e surgiram concepções em diferentes áreas do conhecimento, como na Medicina e na Educação sobre as deficiências. E a partir disso, as pessoas com deficiência foram vistas e favorecidas de diversas maneiras, seja por meio da Medicina, da área educacional. Assim, foram criadas instituições que passaram a trabalhar com as pessoas com deficiência, dessa forma a educação especial ganhou força e passou a ter ascensão, com a luta pela igualdade dando responsabilidade ao estado, a escola e a família, com o dever e o direito de proporcionar uma educação para todos.

“A educação inclusiva não reflete apenas o momento presente, mas evidencia o problema social em relação à forma como os deficientes têm sido tratados (VOIVODIC, 2004, p.22), dessa maneira percebemos que o ato de inclusão foi ganhando forças e assim foi surgindo movimentos que uniram diferentes influências para lutar por esses direitos. Voivodic (2004, p. 24), ressalta que com:

A Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada em Salamanca (1994), na qual foi firmado um compromisso com a educação para todos, ficando decidida a inclusão de crianças, jovens e adultos com necessidades especiais no sistema comum de educação. Segundo a Declaração de Salamanca, a escola deve incluir a todos reconhecendo a diversidade, e precisa atender às necessidades de cada um, promovendo sua aprendizagem.

Pode-se perceber que através da Declaração de Salamanca houve um grande avanço em relação a igualdade entre todos. Pois, ela visou uma educação de qualidade e com direito a uma inclusão no ensino regular, podendo assegurar o direito independente das diferenças existentes, visando “[...]todas as crianças e cujas necessidades decorrem de sua capacidade ou de suas dificuldades de aprendizagem”. (RODRIGUES, 2006, p.94)

3 A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

A educação para pessoas com deficiência sofreu diversas mudanças com o passar dos tempos e pode-se dizer que este processo ocorreu lentamente. Em

nosso país, as pessoas também sofreram bastante com a segregação e a exclusão, mas estes problemas começaram a ser vistos no final do século XIX e início do século XX.

Em 1854, surgiu a criação do Instituto dos Meninos Cegos – (IMC), atualmente, Instituto Benjamin Constant que teve sua origem relacionada ao brasileiro cego José Álvares de Azevedo, que veio a estudar em Paris no Instituto dos Jovens Cegos (JANUZZI, 2006, p.11). Já no ano 1857, três anos depois da criação do IMC, houve a criação do Instituto dos Surdos Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos.

É notório que os projetos encaminhados naquela época eram criados visto as necessidades da elite brasileira da época. Percebe-se também que todo o apoio era voltado para pessoas cegas e surdas, excluindo as pessoas com limitações físicas e intelectuais.

Mas este cenário passou a sofrer mudanças quando em meados do século XX, iniciou-se articulações necessárias sobre uma política voltada para educação especial com a criação da Sociedade Pestalozzi e a Associação de Pais e Amigos de Excepcionais – (APAES).

A Escola de Aperfeiçoamento de Minas exerceu real influência na educação do deficiente, principalmente do deficiente mental: suas alunas prestaram assistência técnicas às classes de retardados e organizaram com Helena Antipoff a primeira associação para cuidar dessa educação, a Sociedade Pestalozzi. Essa entidade expandiu-se no Brasil, vindo a se juntar a ela em 1954 as Apaes. (JANUZZI, 2006, p. 110).

Em 1969, em nosso país, existiam um pouco mais de 800 escolas especializadas voltadas para a educação de pessoas com deficiência intelectual. Mas, na década de 1970, houve um marco na educação do deficiente. Foi criado o Centro Nacional de Educação Especial – (Cenesp), pela primeira vez, onde se propôs criar metas governamentais a Educação Especial, desenvolvendo assim uma ação governamental mais efetiva (JANUZZI, 2006).

Só a partir de 1980 é que a Educação Especial ganha um caráter de inclusão. Com a Constituição Brasileira de 1988, houve o primeiro passo para dar início a um árduo trabalho com o artigo 208 que garante o atendimento preferencialmente para crianças que apresentem alguma deficiência na rede regular de ensino. E, em dezembro de 1996, foi publicada a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9.394/96, que confirma que a Educação Especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino com apoio de serviços especializados. Estes serviços garantem ao aluno deficiente um Atendimento Educacional Especializado – (AEE), no contra turno do aluno, onde o professor pode traçar metas e trabalhar com procedimentos educacionais conforme a deficiência que se propõe atender. Os alunos com deficiência, altas habilidades ou superdotação, podem ser atendidos por psicólogos, no AEE, na sala de recursos, onde o professor completa e suplementa o ensino da sala de aula regular, e também professor interprete, quando na sala de aula, tem algum aluno com deficiência auditiva.

O apoio especializado que lhe é assegurado pela lei de 9.394/96 visa a possibilitar-lhe a apropriação de conceitos essenciais ao domínio do conteúdo escolar. O mesmo cuidado nas outras esferas públicas, como saúde e previdência ao respeitarem e atenderem as especificidades, visa à equidade e à igualdade (JANUZZI, 2006, p. 196).

A Lei de Diretrizes e Base da Educação 9.394/96, diz que o aluno tem o direito de receber, caso seja necessário, o Atendimento Educacional Especializado

oferecido pelo Estado. Este direito é normatizado pela Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, que instituiu as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Especializado na Educação Básica, na modalidade Educação Especial (BRASIL, 2009). Com base nesse pressuposto, podemos observar que a educação inclusiva está bem garantida dentro das legislações, mas será que nas escolas realmente existe essa inclusão, ou esses alunos apenas estão inseridos no ensino regular sem os pais sequer saberem que os mesmos têm direitos ao ensino especializado.

4 A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Nesta sessão iremos abordar um pouco sobre a relação da família e da escola. As duas unidades distintas, mas com características peculiares, podem trabalhar juntas para um bem comum das crianças, ou seja, dos respectivos alunos. Escola e família têm suas especificidades e suas complementaridades. Embora não se possa supô-las como instituições completamente independentes, não se pode perder de vista suas fronteiras institucionais, ou seja, o domínio que as sustentam como instituições (OLIVEIRA, MARINHO-ARAÚJO, 2010).

A família como instituição principal para a criança, pode ajudar estando mais presente na escola, se mostrando mais ativa, ajudando os professores nas tarefas de casa, ensinando a seus filhos. A escola pode entrar com reuniões, palestras que mostrem a importância de se ter a família envolvida na escola e como isso ajuda no desenvolvimento do filho/aluno na escola.

Pode-se dizer que a família é imprescindível, ela é a base, a estrutura para a criança; e a escola entra para complementar esta formação do aluno. Quando elas se associam todos ganham, pois a principal função delas é educar. Como já sabemos, a família é a primeira instituição a qual temos contato, onde a mesma nos ensina valores, crenças, mostrando o certo e o errado, e a escola ensina conceitos básicos como português, matemática, história entre outros. Quando a criança não possui uma relação bem estruturada em sua casa, na sua família, ela tende a não ir tão bem na escola e o seu processo de ensino-aprendizagem não progride.

Quando a criança com deficiência nasce, ocorrem diversas mudanças no ambiente familiar, mas essas mudanças devem ocorrer para que a criança se torne autônoma, independente e não se sinta incapaz. Pois, quando ela começa a sua jornada escolar, o primeiro passo da escola é conhecer a família e saber como a mesma trata a criança, bem como a família é estruturada e como está o desenvolvimento psicológico da criança. Sabemos que este processo por diversas vezes é falho, porque quase sempre os pais querem e pensam que é obrigação da escola educar seus filhos, não procuram outros meios pedagógicos para facilitar um pouco o processo ensino-aprendizagem para este aluno.

Os professores, por outro lado, não se sentem preparados para receber um aluno com deficiência em sua sala de aula, pois sentem a dificuldade de mantê-los em sala. Porque, na maioria das vezes, o aprendizado desses alunos é mais lento do que os demais estudantes, e isto se torna um ponto a ser revisto, pois na maioria das vezes, o professor não tem uma capacitação adequada para lidar com isso. Assim, a proposta da inclusão se configura como um forte agente estressor, pois chegou nas escolas de forma “imposta”, tornando-se, em língua figurada “uma pedra no caminho do professor” (NAUJORKS, 2002). Ainda de acordo com Naujorks (2002), percebemos que:

Apesar do despreparo do professor ser apontado como o mais forte estressor, [...] mesmo com formação adequada, alguns docentes podem apresentar dificuldades diante da situação. Estas dificuldades justificam-se pelas experiências internas que são diferentes de pessoa para pessoa.

Pessoas propensas ao stress, têm uma experiência diferenciada daqueles que não têm essa propensão. As pressões internas são decorrentes das crenças e dos valores de cada um. Aliadas ao despreparo profissional específico podem desencadear, com mais propensão, o processo de stress (NAUJORS, 2002, s/p).

Pode-se dizer que compreender a Educação Inclusiva é difícil, mas com comprometimento, compromisso e envolvimento do professor e de todo apoio pedagógico e da família, pode ser auxiliar na eliminação de barreiras, adaptação intelectual e de dificuldades que a escola e o aluno com deficiência possa vir a ter, mas esses pontos são cruciais para que a escola consiga recriar suas práticas, mudar as concepções, rever seu papel reconhecendo e incluindo esses alunos com coragem e ousadia valorizando as diferenças, pois Educação Inclusiva e diversidade são pontos inseparáveis.

5 METODOLOGIA

A pesquisa deste trabalho é de natureza qualitativa, pois “[...] leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido a diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados” (FLICK, 2009, p. 24).

“A pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2009, p. 37). Dessa forma, compreender as aspirações, reflexões, bem como proposições do que os autores têm dito acerca da relação família e escola.

Quantos aos objetivos da pesquisa, eles assumem um cunho exploratório, porque permite a quem investiga, aumentar suas experiências em torno de determinado problema, onde o pesquisador encontra uma hipótese e aprofunda seus estudos em uma determinada realidade buscando antecedentes para adquirir novos conhecimentos e a partir daí planejar uma pesquisa (TRIVIFIOS, 1987, p.109).

Logo, o presente trabalho tem como base uma pesquisa bibliográfica, fazendo o levantamento e análise de trabalhos que já foram publicados com tema a ser pesquisado (relação família e escola), com o intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES; 2021, p. 67). Sendo assim as autoras relatam que:

Em toda pesquisa científica é importante apresentar o embasamento teórico ou a revisão bibliográfica que é elaborada na investigação de obras científicas já publicadas, para que o pesquisador adquira o conhecimento teórico. Através da pesquisa bibliográfica o pesquisador faz o levantamento de informações que sejam relevantes na construção da pesquisa científica. Dessa forma, em uma pesquisa científica, a pesquisa bibliográfica é importante no levantamento de informações relevantes que contribuam no desenvolvimento da pesquisa, na elaboração do tema e na revisão bibliográfica ou quadro teórico (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES; 2021, p. 68).

A revisão bibliográfica traz diversos benefícios ao pesquisador, como uma boa qualidade na pesquisa, aprofundamento do tema estudado e também a ampliação do seu conhecimento. As características deste tipo de pesquisa são as fontes confiáveis e concretas na qual pesquisamos onde fundamentam as pesquisas nas quais fazemos. Quanto a análise dos dados fizemos uso da análise de conteúdo e enfocaremos os procedimentos dispostos para a categorização dos dados.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para dar continuidade aos resultados e discussões deste trabalho escolhemos a Revista Educação Especial e foram lidos 464 títulos onde foi selecionado alguns artigos que abordam a temática da relação família-escola para crianças com deficiência, entre os anos de 2015 a 2021. Primeiramente foram selecionados onze textos, escolhidos pelo título do trabalho, para saber a relação com a temática. Dentre os quais foram analisados seis artigos para saber de que maneira tais autores enfatizaram a relação família e escola e de que forma. No quadro 1 observamos os trabalhos que foram analisados nesta pesquisa.

Quadro 1 – Relação dos trabalhos analisados

Autores (as)	Título	Dados da revista
Elisabete Matos Freitas Luísa Novais Arroja Paula Magalhães Ribeiro Paulo César Dias	Percepção dos pais em relação à inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais no ensino regular	Revista Educação Especial, v.28, n.52, maio/ago, 2015
Ana Carolina Camargo Christovam Fabiana Cia	Comportamentos de pais e professores para promoção da relação família e escola de pré-escolares incluídos	Revista Educação Especial, v. 29, n. 54, jan./abr. 2016
João Paulo Saraiva Santos	Participação e satisfação de pais de crianças autistas com a escola: estudo exploratório	Revista Educação Especial, v. 30, n. 58, maio/ago. 2017
Michelle Roberta Pavão Danielli Silva Gualda, Fabiana Cia Luciana Stoppa dos Santos Ana Carolina Camargo Christovam	Rotina e necessidades de apoio: relato de familiares de crianças de zero a dois anos Público Alvo da Educação Especial	Revista Educação Especial, v. 31, n. 61, abr./jun. 2018
Tahena Silva Ferreira Alessandra Pereira Falcão Ana Paula de Oliveira Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues Veronica Aparecida Pereira	Intervenção precoce e a participação da família: relato de profissionais de APAES	Revista Educação Especial, v. 32, 2019
Andréia Jaqueline Devalle Rech Soraia Napoleão Freitas	A importância da superação de barreiras entre família e escola para a construção de um trabalho colaborativo em prol da inclusão escolar e alunos com altas habilidades/superdotação	Revista Educação Especial, v.34, 2021

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

Os autores vistos, tecem considerações bem parecidas em relação a como são vistas esta relação entre a família e a escola, pois “constatou-se que a escola e a família encontram barreiras significativas em sua relação e, por conta disso, não estão obtendo sucesso em construir um trabalho colaborativo e articulado em prol da inclusão do aluno[...]” (FREITAS, RECH, 2021, p. 22) com deficiência. Nesse

sentido, é necessário que a escola perceba que a família é uma rede de apoio, e que juntas podem manter uma parceria para melhorar a inclusão destes alunos na escola. Freitas e Rech (2021, p. 23) também salientam que

É necessário, primeiramente, conscientizar os profissionais da escola, minimizando suas concepções errôneas sobre esses indivíduos para, posteriormente, dialogar com essas famílias, orientando-as para que, se desejarem, atuem de forma proativa na escolarização de seus filhos (2021, p. 23).

Segundo Oliveira et al. (2019), a relação dos pais com o processo ensino-aprendizagem é de fundamental importância, pois quando os pais estão mais comprometidos com o aprendizado de seu filho, ele passa a ter um desenvolvimento maior tanto em casa quanto na escola. De acordo com os profissionais que atendem as crianças, observam que quando existe um comprometimento em parte as crianças se desenvolvem melhor, “além de como a intervenção psicológica com pais de crianças que passam pelo processo de Intervenção Precoce pode contribuir para o melhor desenvolvimento de seus filhos” (OLIVEIRA et al., 2019).

“Contudo, independentemente do diagnóstico, educar uma criança com necessidades especiais acarretam desafios complexos quer para os seus pais, que são o seu primeiro contexto socializador por excelência, quer para os professores e técnicos que com ela lidam diariamente” (PINTO; MACEDO; DIAS, 2013 apud SANTOS, 2017, p. 290).

Cristovam e Cia (2016, p.139) corroboram com os autores citados acima quando diz que os pais precisam e devem ser incluídos em projetos de intervenção que as escolas venham a oferecer porque esses pais podem contribuir com orientações que sejam oferecidas pelos profissionais que acompanham seus filhos facilitando assim o processo de desenvolvimento destes.

Pavão et al., tece considerações em seu artigo sobre como as necessidades financeiras e as rotinas do dia a dia podem afetar as crianças com deficiência. “Em relação ao fator da rotina do ambiente familiar, quanto mais o filho tinha hora certa para realizar as atividades de vida diária, menos era preciso explicar aos outros, bem como o funcionamento da vida familiar” (PAVÃO et al. p. 459).

Foi possível perceber também que quanto maior eram as necessidades diante do funcionamento da vida familiar, maiores eram as necessidades de apoio, de explicar aos outros e às necessidades totais. Isso significa que famílias com bom funcionamento da vida familiar buscam mais apoios e sentem a necessidade de serviços que sejam apropriados para a criança, talvez porque sejam mais exigentes em relação aos serviços que são oferecidos aos seus filhos (DESSEN; BRAZ, 2005 apud PAVÃO et al. p. 459).

Dessa forma percebe-se que quanto maior o envolvimento e o interesse da família em ajudar a criança com deficiência, mais conhecimento e apoio essas pessoas buscam, mas por outro lado vê-se também que existe muitas famílias que buscam apoio e não obtém êxito porque não tem acesso ou não conhecem os direitos ao qual possuem. “Aspecto que contribui ainda, para a ajuda nas necessidades de explicar aos outros e as necessidades totais, pois a própria família acaba agindo como rede de apoio e seus membros acabam desempenhando bons papéis no desenvolvimento das crianças” (DESSEN; BRAZ, 2005 apud PAVÃO et al. p. 459).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desta pesquisa foi elencar a importância da relação família e escola. Podemos observar que esta relação está fragilizada, tendo em vista que a família é primeira instituição a qual a criança faz parte, onde ela aprende suas primeiras competências como indivíduo, para assim serem inseridas no meio social, a qual a escola se torna seu primeiro espaço fora do ambiente familiar. A escola na maioria das vezes existe uma defasagem muito grande onde os professores não estão preparados para receber estes alunos ditos especiais. Portanto, é importante salientar que esta relação está evoluindo a passos lentos.

O processo de inclusão da criança com deficiência no ensino regular e nas redes de apoio é de grande valia para a comunidade escolar e para o aluno e sua família. As famílias em si, podem contribuir de maneira significativa para uma boa relação com a escola, pois podem ajudar com ideias e sugestões para a melhoria do ensino-aprendizagem das crianças /alunos com deficiência.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacional para educação especial na educação básica / **Secretaria de Educação Especial** – MEC; SEESP, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009.**
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto.** 18 ed. SP: Gente, 2004.
- CRISTOVAM, Ana Carolina Camargo. CIA, Fabiana. Comportamentos de pais e professores para promoção da relação família e escola de pré-escolares incluídos. **Revista Educação Especial**, v. 29, n. 54, p.133-146, jan./abr. 2016 - Santa Maria. Disponível em: <https://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>
- Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>
- FERREIRA, T. S. FALCÃO, A. P. OLIVEIRA, A. P. de. RODRIGUES, O. M. P. R. PEREIRA, V. A. Intervenção precoce e a participação da família: relato de profissionais de APAES. **Revista Educação Especial** | v. 32 | 2019 – Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa** / Uwe Flick, tradução Joice Elias Costa. –3. Ed. –Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p. ; 25cm.
- FONSECA, S. C. CARVALHO-FREITAS, M. N. de. ALVES, B. A. Investigação-ação com mães de pessoas com deficiência intelectual: a redução da sobrecarga como um projeto de vida. **Revista Educação Especial** | v. 33 | 2020 – Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>
- FREITAS, E. M. ARROJA, L. N. RIBEIRO, P. M. DIAS, P. C. Percepção dos pais em relação à inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais no ensino regular. **Revista Educação Especial** | v. 28 | n. 52 | p. 443-458 | maio/ago. 2015 - Santa Maria
- GONZÁLES, Eugenio (org.). **Necessidades Educacionais Específicas.** Tradução Daisy Vaz de Moraes. –Porto Alegre: Artmed, 2007.
- JANNUZZI, Gilberta S. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- LOPES, V. D. MURARI, S. C. KIENEN, N. Capacitação de pais com crianças com TEA: revisão sistemática sob o referencial da Análise do Comportamento. **Revista Educação Especial** | v. 34 | 2021 – Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>

- MAZZOTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. 5. Ed.—São Paulo: Cortez, 2005.
- MINATEL, Martha Moraes. MATSUKURA, Thelma Simões. Familiares de crianças e adolescentes com autismo: percepções do contexto escolar. **Revista Educação Especial** | v. 28 | n. 52 | p. 429-442 | maio/ago. 2015 - Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>
- NAUJORKS, Maria Inês. **Stress e Inclusão**: Indicadores de stress em professores frente a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Cadernos:: edição:2002 –nº20.
- OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família e escola: Intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.27, n1, p 99-10, jan./mar. 2010.
- PAVÃO, R. M. GUALDA, D. S. CIA, F. SANTOS, L. S. dos. CRISTOVAM, A. C. C. Rotina e necessidades de apoio: relato de familiares de crianças de zero a dois anos, público alvo da Educação Especial. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 61, p. 447-462. abr./jun. - Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/educacaoespecial>
- RECH, Andréia Jaqueline Devalle. FREITAS, Soraia Napoleão. A importância da superação de barreiras entre família e escola para a construção de um trabalho colaborativo em prol da inclusão escolar do filho e aluno com altas habilidades/superdotação. **Revista Educação Especial** | v. 34 | 2021 – Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>
- RIBEIRO, Maria Luisa Smovieri; BAUMEL, Roseli Cecília Rocha de Carvalho. **Educação Especial: do querer ao fazer**. SP: Overcamp, 2003.
- RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.
- SANTOS, João Paulo Saraiva. Participação e Satisfação de pais de crianças autistas com a escola: estudo exploratório. **Revista Educação Especial** | v. 30 | n. 58 | p. 283-296 | maio/ago. 2017.Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>
- SOUZA; Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos** / Angélica Silva Souza; Guilherme Saramago de Oliveira; Laís Hilário Alves. Cadernos da Fucamp, v. 20, n.43, p. 64-83 / 2021
- SPINAZOLA, C. de C. AZEVEDO, T. L. de. GUALDA, D. S. CIA, F. Correlação entre nível socioeconômico, necessidades, suporte social e recursos familiares de mães de crianças com deficiência física, síndrome de Down e autismo. **Revista Educação Especial** | v. 31 | n. 62 | p. 697-712 | jul./set. 2018 - Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>
- STAINBACK, Susan. **Inclusão**: um guia para educadores. Tradução Magda França Lopes. –Porto Alegre: Artmed, 1999.
- TRIVIFIOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928-T759Í **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação/ Augusto Nivaldo Silva Trivifios –São Paulo: Atlas, 1987.
- TURCHIELLO, Priscila. Analisando a produção da família de pessoas com deficiência nos discursos das políticas de inclusão. **Revista Educação Especial** | v. 30 | n. 58 | p. 339-350 | maio/ago. 2017 - Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>
- VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. Petrópolis, RJ: vozes, 2004.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, primeiramente, a Deus por toda força e coragem nessa caminhada. Obrigada Deus.

A minha mãe, Gilmacy, pelo apoio e incentivo todo este tempo, não me deixando desistir.

Agradecer a minha querida avó Iracy (In memória), que desde sempre me incentivou a conquistar meus sonhos.

Ao meu esposo, Janailson, por todo amor e apoio, me incentivou, dando forças.

A minha filha, Ismênia, por todo amor e carinho, e também pela paciência que teve comigo, nos meus dias de estresse.

A minha orientadora, Elizangela Dias, foi muito importante para que eu pudesse manter o foco e concluir este trabalho. Obrigada professora.

As minhas amigas e irmãs, Emanuelle Yngrid, Jacianny e Rayanne Samira, pelo companheirismo e amizade de vocês. Obrigada meninas.

A todos os professores e funcionários da UEPB, que direta e indiretamente me ajudaram na formação acadêmica.

E por fim a todos os meus familiares e amigos que sempre torceram por mim. Agradeço a todos com todo meu coração. Obrigada.